

100 Obras para Artworks for Artur Bual



Homenagem ao Pioneiro Gestualista Português
A Tribute to the Portuguese Gesturalist Pioneer

14.07 - 15.08.2026

Curador | Curator - Carlos Cabral Nunes

Casa da Liberdade - Mário Cesariny & Perve Galeria





Frente e verso da obra | Front and back of the artwork

Artur Bual (1926-1999, Portugal)
Sem Título, n.d.
Acrílico s/ aglomerado de madeira
64 x 50 cm

Artur Bual (1926-1999, Portugal)
Untitled, n.d.
Acrylic on wooden board
64 x 50 cm

Ref.: AB1114

(na capa)

Artur Bual (1926-1999, Portugal)
Sem Título, c. 1960
Técnica mista s/ papel
19 x 13 cm

Ref.: AB0007

(in the cover)

Artur Bual (1926-1999, Portugal)
Untitled, c. 1960
Mixed media on paper
19 x 13 cm

100 Obras para Artur Bual

100 Artworks for Artur Bual

No ano em que se assinala o centenário do nascimento de Artur Bual (1926–1999), a Perve Galeria e a Casa da Liberdade – Mário Cesariny apresentam a exposição “100 Obras para Artur Bual: Homenagem ao Pioneiro Gestualista Português”, patente de 14 de julho a 15 de agosto de 2026.

Com curadoria de Carlos Cabral Nunes, a exposição reúne uma centena de obras, incluindo uma vasta seleção do percurso de Artur Bual, com obras realizadas entre as décadas de 1950 e 1990. Este núcleo central é complementado por obras de artistas de distintas gerações e proveniências. Entre eles encontram-se autores que mantiveram uma relação direta com Bual, bem como criadores cuja obra revela afinidades plásticas e poéticas com o seu legado, como Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas, Fernando Lemos e Figueiredo Sobral, entre outros.

Reconhecido como o pioneiro da pintura gestual em Portugal, Artur Bual desenvolveu uma linguagem artística profundamente livre, marcada pela expressividade do gesto, pela intensidade cromática e pela valorização do próprio processo criativo. A partir do final da década de 1950, a sua investigação plástica contribuiu decisivamente para a renovação da pintura portuguesa, afirmando uma obra singular que permanece incontornável pela sua originalidade e relevância no panorama artístico nacional.

Esta homenagem assume também um significado muito particular para a própria história da Perve. Artur Bual foi um dos grandes incentivadores da criação do Colectivo Multimédia Perve – Associação de Arte e Cultura, fundado em 1997, mantendo uma relação de grande proximidade pessoal com os seus fundadores. Após o seu desaparecimento, a atividade do Colectivo daria origem, em 2000, à Perve Galeria. Só mais tarde se descobriria uma coincidência profundamente simbólica: o primeiro atelier de Artur Bual situava-se precisamente em Alfama, a escassos metros do espaço onde a galeria viria a estabelecer-se. Mais do que uma curiosidade biográfica, esta convergência reforça a ligação entre o artista e um projeto que ajudou a inspirar desde a sua génese, encontrando naquele território uma inesperada continuidade.

Mais do que uma evocação histórica, “100 Obras para Artur Bual: Homenagem ao Pioneiro Gestualista Português” propõe um diálogo entre o legado do artista e um conjunto de criadores que, através de diferentes linguagens e práticas, partilham uma visão da arte assente na liberdade criativa, na experimentação e na permanente reinvenção plástica. A exposição evidencia, assim, a notável atualidade da obra de Artur Bual e a sua capacidade de continuar a inspirar novas leituras, afirmando-se como uma referência incontornável da arte portuguesa contemporânea.

In the year marking the centenary of the birth of Artur Bual (1926–1999), Perve Galeria and Casa da Liberdade – Mário Cesariny present the exhibition “100 Artworks for Artur Bual: A Tribute to the Portuguese Gesturalist Pioneer”, on view from 14 July to 15 August 2026.

Curated by Carlos Cabral Nunes, the exhibition brings together around a hundred artworks, including a wide-ranging selection from Artur Bual’s path, featuring works created between the 1950s and the 1990s. This central body of work is complemented by pieces by artists from different generations and backgrounds, including those who maintained a close personal or artistic relationship with Bual, as well as others whose practices reveal strong aesthetic and poetic affinities with his legacy, such as Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas, Fernando Lemos and Figueiredo Sobral, among others.

Widely recognised as the pioneer of gestural painting in Portugal, Artur Bual developed a profoundly free artistic language, distinguished by the expressive force of the gesture, the intensity of colour and a deep commitment to the creative act itself. From the late 1950s onwards, his artistic research played a decisive role in the renewal of Portuguese painting, establishing a singular body of work whose originality and enduring significance have secured its place within the country’s artistic history.

This tribute also carries a deeply personal significance for the history of Perve itself. Artur Bual was one of the strongest supporters of the creation of the Colectivo Multimédia Perve – Association for Art and Culture, founded in 1997, and maintained a close personal friendship with its founders. Following his passing, the activities of the Collective gave rise to Perve Galeria in 2000. Only later was a remarkable coincidence discovered: Bual’s first studio had been located in Alfama, just a few metres from the space where the gallery would eventually establish itself. More than a biographical curiosity, this unexpected convergence reinforces the profound connection between the artist and a project he helped inspire from its very inception, finding in the same neighbourhood an unforeseen continuity.

More than a historical commemoration, “100 Artworks for Artur Bual: A Tribute to the Portuguese Gesturalist Pioneer” establishes a dialogue between the artist’s legacy and a group of creators who, through diverse languages and artistic practices, share a commitment to creative freedom, experimentation and the continual reinvention of visual expression. In doing so, the exhibition highlights the enduring relevance of Artur Bual’s work and its remarkable capacity to inspire new interpretations, reaffirming his position as one of the defining figures of modern and contemporary Portuguese art.



Artur Bual (1926-1999, Portugal)
 Sem Título, 1979
 Acrílico s/ tela
 205 x 166 cm

Ref.: AB1113

Artur Bual (1926-1999, Portugal)
 Untitled, 1979
 Acrylic on canvas
 205 x 166 cm



Nuno Espinho da Silva (1971, Portugal)
Ódio Bomba, 2003
Escultura-Objeto
69 x 23,5 x 9,5 cm

Ref.: NE01

Nuno Espinho da Silva (1971, Portugal)
Hate Bomb, 2003
Sculpture-Object
69 x 23,5 x 9,5 cm



Mário Cesariny (1923-2006, Portugal)
Sem Título, 1968
Técnica mista s/ papel
66 x 49,5 cm

Ref.: CSY160

Mário Cesariny (1923-2006, Portugal)
Untitled, 1968
Mixer media on paper
66 x 49,5 cm



Frente e verso da obra | Front and back of the artwork

Artur Bual (1926-1999, Portugal)
 Duplo retrato imaginário de
 Camilo Castelo Branco, c. 1980
 Acrílico s/ madeira
 140 x 86 cm

Artur Bual (1926-1999, Portugal)
 Double imaginary portrait of
 Camilo Castelo Branco, c. 1980
 Acrylic on wood
 140 x 86 cm

Ref.: AB1112



Gracinda de Sousa (1952-2018,
Portugal)
Porque é que eu não levo, 2003
Técnica mista s/ platex
61 x 61 cm

Ref.: GS04

Gracinda de Sousa (1952-2018,
Portugal)
Why don't I take, 2003
Mixed Media on platex
61 x 61 cm



Vitor Pi (1949, Portugal)
Valsa de Ciprestes, 2000
Técnica mista s/ tela
70 x 100 cm

Vitor Pi (1949, Portugal)
Cypress Waltz, 2000
Mixed media on canvas
70 x 100 cm

Ref.: VPI016

Artur Bual (1926–1999): Biography

Artur Bual was born in Amadora in 1926 and passed away in the same city in 1999. He was one of the most significant Portuguese artists of the second half of the twentieth century. Although he also pursued an important career as a sculptor, ceramic artist, illustrator and set designer, he is best known as the pioneer and leading figure of Gestural Painting in Portugal. Characterised by a highly textured surface, energetic brushwork and an expressive use of colour—black, white, yellow, red, blue and grey—his work established gesture as the central element of artistic creation, exploring painting as a direct record of action and emotion.

A graduate of the António Arroio School of Decorative Arts, Bual began his artistic career in 1947. In 1954, he participated in the landmark First Abstract Art Salon, organised by José-Augusto França, a decisive event in the development of abstraction in Portugal. In 1958, he presented his first gestural painting at the First Modern Art Salon of the National Society of Fine Arts, an exhibition widely regarded as marking the birth of Gestural Painting in Portugal. Between 1959 and 1960, he was awarded a scholarship by the Calouste Gulbenkian Foundation to study in Paris, an experience that proved instrumental in consolidating his artistic language and strengthening his engagement with international currents of abstract art.

Over a career spanning more than five decades, Bual participated in numerous solo and group exhibitions in Portugal and abroad, representing Portuguese art at major international events, including the First Paris Biennale—where he received the Sousa Cardoso National Prize—and several editions of the São Paulo Biennial. His work was also exhibited in Spain, France, the Netherlands, Belgium, Germany, Italy, Macau, Hong Kong and Brazil, among other countries, contributing to the international visibility of post-war Portuguese art.

Alongside his painting practice, Bual maintained an active involvement in the applied arts and theatre, working as a set designer and artistic director for productions by the Experimental Theatre of Cascais and the Experimental Theatre of Porto. He served as graphic director of the arts and literature magazine *Catavento*, illustrated several literary works—including “Instinto Supremo” by Ferreira de Castro and “As Alegres Noites de um Boticário” by Miguel Barbosa—and executed frescoes in twelve chapels across the Alentejo and Ribatejo regions, as well as a number of mural commissions and public art projects.

Throughout his career, Bual received numerous national and international distinctions, including the Sousa Cardoso National Prize, First Prize at the Modern Art Salon of the Costa do Sol Tourism Board, Second Prize at the BP Painting Competition, the Plastic Arts Prize (1983), the Nova Gente Magazine Prize (1984), and, in recognition of his lifetime achievement, the Career Award of the Contemporary Art Movement (MAC) in 1997.

His work is represented in numerous public and private collections, including the National Museum of Contemporary Art – Museu do Chiado, the Calouste Gulbenkian Foundation’s Modern Art Centre, the Armando Martins Museum of Contemporary Art (MACAM), the Lisbon Palace of Justice, as well as a wide range of institutional, municipal and private collections in Portugal and abroad.

Artur Bual has been part of Perve Galeria’s Lusofonias Collection since its inception and remains one of the artists most closely associated with its holdings. His work has featured in several exhibitions organised by the gallery and by the Perve Multimedia Collective, including “Afro-Ibero-American Connections 2.01” (UCCLA, 2017), “Crossing Borders: Dialogue Between Collections” (ISPA, 2023), “Mário Cesariny Centenary: First Person... and His Contemporaries” (Perve Galeria, 2023), and “100 Works for Artur Bual: Tribute to the Pioneer of Portuguese Gestural Painting” (2026), held as part of the celebrations marking the centenary of the artist’s birth. Bual’s relationship with the Perve Multimedia Collective dates back to the organisation’s earliest years. He was honoured at the First Global Art Meeting (Amadora, 1999) and has since been featured in numerous collection exhibitions, retrospectives and curatorial projects promoted by the association.

Artur Bual’s importance within the history of Portuguese art was recognised by José-Augusto França, who, in “L’Art dans la Société Portugaise au XXème Siècle”, identified him as the initiator of Portuguese Gestural Painting and one of the nine key figures of Portuguese abstraction. One hundred years after his birth, Bual’s work continues to stand as a defining reference in Portuguese modern art, retaining its relevance through the freedom of its gesture, the intensity of its expression and its enduring capacity to reinvent the act of painting itself.

Artur Bual (1926–1999): Biografia

Artur Bual nasceu na Amadora em 1926, falecendo nessa mesma cidade em 1999. Foi um dos mais importantes artistas portugueses da segunda metade do século XX. Embora tenha desenvolvido igualmente uma relevante atividade como escultor, ceramista, ilustrador e cenógrafo, é sobretudo reconhecido como o pioneiro e principal representante da pintura gestual em Portugal. A sua obra, caracterizada por uma pintura de forte intensidade matérica, pinceladas enérgicas e uma utilização expressiva da cor — preto, branco, amarelo, vermelho, azul e cinzento — afirmava o gesto como elemento central da criação artística, explorando a pintura enquanto registo direto da ação e da emoção.

Formado na Escola de Artes Decorativas António Arroio, iniciou a sua carreira artística em 1947. Em 1954 participou no histórico I Salão de Arte Abstracta, organizado por José-Augusto França, marco decisivo na afirmação da abstração em Portugal. Em 1958 apresentou a sua primeira pintura gestual no I Salão de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas Artes, momento geralmente apontado como fundador do gestualismo português. Entre 1959 e 1960 foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris, experiência determinante para a consolidação da sua linguagem plástica e para o aprofundamento do diálogo com as correntes internacionais da abstração.

Ao longo de mais de cinco décadas de atividade participou em inúmeras exposições individuais e coletivas em Portugal e no estrangeiro, representando a arte portuguesa em importantes certames internacionais, entre os quais a I Bienal de Paris — onde recebeu o Prémio Nacional Sousa Cardoso — e diversas edições da Bienal de São Paulo. A sua obra foi igualmente apresentada em Espanha, França, Holanda, Bélgica, Alemanha, Itália, Macau, Hong Kong e Brasil, entre outros países, contribuindo para a projeção internacional da arte portuguesa do pós-guerra.

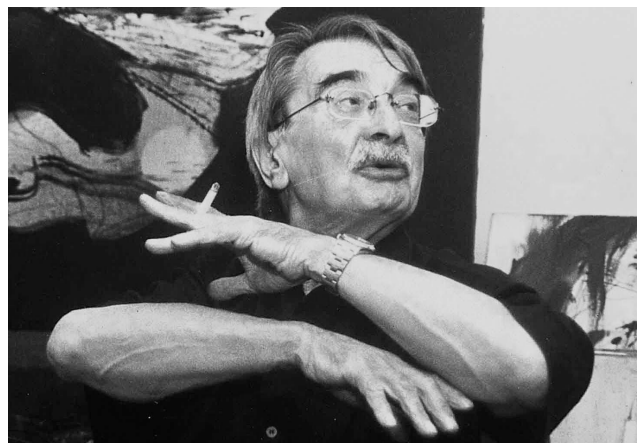
Paralelamente à pintura, desenvolveu uma intensa atividade nas artes aplicadas e no teatro, colaborando como cenógrafo e diretor plástico em produções do Teatro Experimental de Cascais e do Teatro Experimental do Porto. Foi diretor gráfico da Revista Catavento, ilustrou diversas obras literárias — entre elas “Instinto Supremo”, de Ferreira de Castro, e “As Alegres Noites de um Boticário”, de Miguel Barbosa — e executou frescos em doze capelas do Alentejo e Ribatejo, bem como vários painéis murais e intervenções de arte pública.

Ao longo da sua carreira foi distinguido com diversos prémios nacionais e internacionais, entre os quais o Prémio Nacional Sousa Cardoso, o 1.º Prémio do Salão de Arte Moderna da Junta de Turismo da Costa do Sol, o 2.º Prémio do Concurso de Pintura da BP, o Prémio Artes Plásticas (1983), o Prémio da Revista Nova Gente (1984) e, já numa fase de consagração, o Prémio Carreira do Movimento de Arte Contemporânea (MAC), em 1997.

A sua obra integra numerosas coleções públicas e privadas, entre as quais o Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, o Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, o Museu de Arte Contemporânea Armando Martins (MACAM), o Palácio da Justiça de Lisboa, bem como diversas coleções institucionais, municipais e particulares, em Portugal e no estrangeiro.

Artur Bual integra a Coleção Lusofonias da Perve Galeria desde a sua fundação, sendo um dos artistas historicamente mais representativos do seu acervo. A sua obra foi apresentada em diversas exposições promovidas pela galeria e pelo Colectivo Multimédia Perve, entre as quais “Conexões Afro-Ibero-Americanas 2.01” (UCCLA, 2017), “Cruzar Fronteiras: Diálogo de Coleções” (ISPA, 2023), “Centenário Mário Cesariny: Primeira Pessoa... e os seus Contemporâneos” (Perve Galeria, 2023) e “100 Obras para Artur Bual: Homenagem ao Pioneiro Gestualista Português” (2026), realizada no âmbito das comemorações do centenário do nascimento do artista. A ligação de Bual ao Colectivo Multimédia Perve remonta aos primeiros anos da instituição, tendo sido homenageado no 1.º Encontro de Arte Global (Amadora, 1999) e integrado, desde então, diversas exposições de acervo, retrospectivas e projetos curatoriais promovidos pela associação.

A importância de Artur Bual na história da arte portuguesa foi reconhecida por José-Augusto França que, na obra “L’Art dans la Société Portugaise au XXème Siècle”, o identifica como o iniciador do gestualismo português e uma das nove figuras fundamentais do abstracionismo em Portugal. Passados cem anos sobre o seu nascimento, a sua obra continua a afirmar-se como uma referência incontornável da modernidade artística portuguesa, mantendo plena atualidade pela liberdade gestual, intensidade expressiva e permanente capacidade de renovação do ato pictórico.





Artur Bual (1926-1999, Portugal)
 Retrato imaginário do fadista
 João Ferreira Rosa, 1963
 Técnica mista s/ papel
 62 x 43 cm

Artur Bual (1926-1999, Portugal)
 Imaginary portrait of fado singer
 João Ferreira Rosa, 1963
 Mixed media on paper
 62 x 43 cm

Ref.: AB0006

Encontramo-nos neste cais
de terra incendiada
de mãos dadas pelo rasto
à beira de flores de lotus

Pelas fendas das nuvens
caem filamentos rubros
andorinhas azuladas
bagas corporais de encanto.

Encontramo-nos neste cais

a fertilidade a arder
pelo sabor de ombros descalços,
as romãs afagam
ruínas a florir orquestrando o tempo

roseirais em catadupa estremecem
o orvalho
Mozart canta, já não toca.

Encontramo-nos pela partida
na chegada
gotejantes
inequívocos
no silêncio e na palavra

Partes pela raís do sonho
o corpo todo no olhar
o fumo dança na linha do teu rosto

No enleio das tintas rebentas;
- ávido, denso, excessivo, intemporal,
místico, genial, sublime e trágico
voas rasgando limites.
- Tu és o rasgo
transcendente
içado de paixões, mágoas
interioridade
amor ardente.

Partes incessantemente
com estrelas nos calcanhares
os dedos plenos de Sol.
Nada pode ofuscar esta luminosidade!

Parto, descalça
os olhos esfarrapados de lírios
- o rumor dos canaviais.
Dos galhos ascende o meu grito
é pela queda que brilho:
ardendo, ardendo sempre.
Encontramo-nos neste cais.

Conceição Baleizão

(poema publicado em Dezembro de 1991 no catálogo da
exposição de Artur Bual na Galeria Artela, em Lisboa)



Jorge Barradas (1894-1971, Portugal)
Sem Título, n.d.
Alto-relevo em terracota colorida e
vidrada
24 x 15 x 2,5 cm

Ref.: JB02

Jorge Barradas (1894-1971, Portugal)
Untitled, n.d.
High relief in colored and glazed
terracotta
24 x 15 x 2,5 cm



Cruzeiro Seixas (1920-2020,
Portugal)
Sem Título, n.d.
Acrílico s/ papel
41 x 39 cm

Ref.: CS292

Cruzeiro Seixas (1920-2020,
Portugal)
Untitled, n.d.
Acrylic on paper
41 x 39 cm



Eurico Gonçalves (1932-2022, Portugal)
 "Põe quanto és no mínimo que fazes" -
 Ricardo Reis, 1967
 Técnica mista s/ tela
 100 x 70 cm

Eurico Gonçalves (1932-2022, Portugal)
 "Put all that you are into even the smallest thing you do." -
 Ricardo Reis, 1967
 Mixed media on canvas
 100 x 70 cm

Ref.: EU57



Figueiredo Sobral (1926-2010, Portugal)
Sem Título, 1982
Técnica mista s/ papel
50 x 35,5 cm

Ref.: FGS105

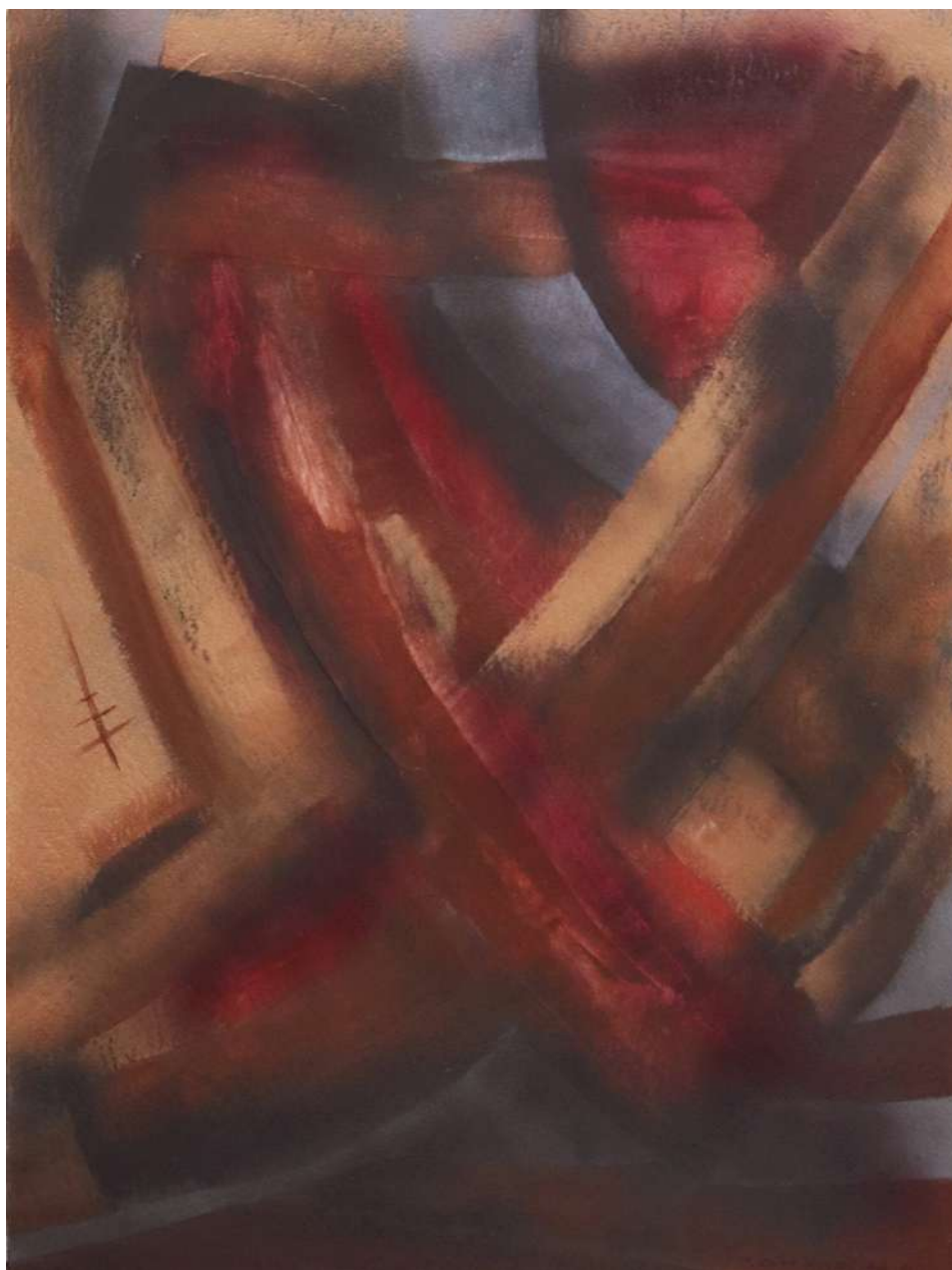
Figueiredo Sobral (1926-2010, Portugal)
Untitled, 1982
Mixed media on paper
50 x 35,5 cm



Artur Bual (1926-1999, Portugal)
Sem Título, 1975
Técnica mista s/ papel
50 x 38 cm

Ref.: AB34

Artur Bual (1926-1999, Portugal)
Untitled, 1975
Mixed media on paper
50 x 38 cm



Teresa Roza d'Oliveira (1945-2019, Moçambique)
 Fim de Tarde, 1992
 Técnica mista s/ papel
 76 x 57 cm

Teresa Roza d'Oliveira (1945-2019, Mozambique)
 Late Afternoon, 1992
 Mixed media on paper
 76 x 57 cm

Ref.: TRO442



Fernando Lemos (1926-2019, Portugal/Brasil)
Sem Título, 1998
Aquarela s/ papel
37 x 52 cm

Fernando Lemos (1926-2019, Portugal/Brazil)
Untitled, 1998
Watercolor on paper
32 x 48 cm

Ref.: FL60



Roberto Chichorro (1941, Moçambique)
Sem Título, 1974
Aquarela e tinta-da-china s/ papel
27 x 34,5 cm

Roberto Chichorro (1941, Mozambique)
Untitled, 1974
Watercolor and indian ink on paper
27 x 34,5 cm

Ref.: RCH11



Artur Bual (1926-1999, Portugal)
 Originais de Libreto e Capa para CD "Segmentos" - Perve
 Técnica mista s/ papel
 20 x 20 cm

Ref.: AB0020

Artur Bual (1926-1999, Portugal)
 Original libretto and CD cover art for 'Segmentos' – Perve
 Mixed media on paper
 20 x 20 cm



Artur Bual (1926-1999, Portugal)
 Originais de Libreto e Capa para CD "Segmentos" - Perve
 Técnica mista s/ papel
 16 x 16 cm

Ref.: AB0021

Artur Bual (1926-1999, Portugal)
 Original libretto and CD cover art for 'Segmentos' – Perve
 Mixed media on paper
 16 x 16 cm

Artur Bual e a Perve Galeria

Artur Bual and Perve Galeria

A relação entre Artur Bual e a Perve Galeria é anterior à própria existência da galeria, estando enraizada numa longa amizade e num profundo entendimento partilhado sobre o papel da arte e da cultura. Antes da fundação da Perve, Bual mantinha já uma estreita relação com os seus fundadores, acompanhando de perto o processo que conduziu ao nascimento deste projeto e incentivando a sua concretização.

O seu envolvimento foi muito além do apoio simbólico. Artur Bual participou ativamente nos primeiros momentos da construção da identidade da Perve Galeria, sendo o autor do seu logótipo, um gesto que permanece como testemunho da confiança, proximidade e cumplicidade que marcaram esta relação desde o início. Esse contributo fundador adquiriu um significado que ultrapassa a dimensão gráfica, tornando-se expressão de uma visão comum sobre a necessidade de criar um espaço dedicado à promoção da arte contemporânea, ao diálogo entre artistas e à valorização da criação artística.

Ao longo das décadas seguintes, esta relação consolidou-se através de um trabalho continuado de colaboração. A Perve Galeria organizou diversas exposições dedicadas à obra de Artur Bual, promoveu a sua presença em feiras e projetos internacionais, editou publicações e desenvolveu um conjunto de iniciativas de investigação, divulgação e valorização do seu percurso artístico. Paralelamente, contribuiu para integrar a sua obra em novos contextos curatoriais, promovendo leituras renovadas da sua produção e reforçando a sua relevância no panorama da arte portuguesa contemporânea.

Mais do que representar um dos artistas fundamentais da sua programação, a Perve Galeria assumiu um compromisso duradouro com a preservação e a divulgação do legado de Artur Bual. Esse compromisso, construído sobre uma relação de amizade, respeito e confiança mútua, traduziu-se numa ação consistente em torno da sua obra, procurando assegurar que a intensidade da sua pintura e a singularidade da sua linguagem continuassem a dialogar com novos públicos e novas gerações.

A história de Artur Bual e da Perve Galeria é, por isso, também a história de um projeto partilhado. Um percurso em que a visão de um artista se cruzou com a vontade de criar uma estrutura dedicada à arte contemporânea e em que essa proximidade se transformou, ao longo do tempo, numa colaboração exemplar, cujo legado permanece vivo tanto na memória da galeria como na identidade que continua a definir o seu percurso.

The relationship between Artur Bual and Perve Galeria predates the gallery itself, being rooted in a longstanding friendship and a shared understanding of the role of art and culture. Before the founding of Perve Galeria, Bual had already established a close relationship with its founders, closely following the process that led to the creation of the gallery and encouraging the realization of this project.

His involvement extended far beyond symbolic support. Artur Bual played an active role in shaping the gallery's identity from its earliest stages, designing the Perve Galeria logo—a lasting testament to the trust, closeness, and mutual understanding that defined this relationship from the outset. This contribution carries a significance that goes beyond its graphic function, embodying a shared vision of the need to create a space dedicated to the promotion of contemporary art, the dialogue between artists, and the appreciation of artistic creation.

Over the following decades, this relationship developed into an enduring collaboration. Perve Galeria organized numerous exhibitions devoted to Artur Bual's work, promoted his presence at international art fairs and cultural projects, published books and catalogues, and developed a wide range of initiatives dedicated to the research, dissemination, and appreciation of his artistic legacy. At the same time, the gallery contributed to placing his work within new curatorial contexts, encouraging renewed interpretations of his oeuvre and reinforcing its importance within the landscape of contemporary Portuguese art.

More than simply representing one of the central artists in its programme, Perve Galeria has maintained a long-term commitment to preserving and promoting Artur Bual's legacy. Built upon a relationship of friendship, mutual respect, and trust, this commitment has resulted in a sustained effort to ensure that the expressive power of his painting and the singularity of his artistic language continue to engage new audiences and future generations.

The story of Artur Bual and Perve Galeria is therefore also the story of a shared vision. It is the story of an artist whose ideals converged with the determination to establish a gallery dedicated to contemporary art, and of a relationship that evolved into an exemplary collaboration, leaving a lasting mark both on the gallery's history and on the identity that continues to define its mission today.



Artur Bual (1926-1999, Portugal)
Auto-retrato, 1963
Técnica mista s/ papel
73 x 60 cm

Artur Bual (1926-1999, Portugal)
Self-portrait, 1963
Mixed media on paper
73 x 60 cm

Ref.: AB0014



João Artur da Silva (1928, Portugal/UK/Canadá)
Sem Título, c. 1980
Escultura em ferro
30 x 30 x 15 cm

Ref.: JAS511

João Artur da Silva (1928, Portugal/UK/Canada)
Untitled, c. 1980
Iron sculpture
30 x 30 x 15 cm



Artur Bual (1926-1999, Portugal)
Sem Título, 1958
Técnica mista s/ papel
36 x 55 cm

Ref.: AB0456

Artur Bual (1926-1999, Portugal)
Untitled, 1958
Mixed media on paper
36 x 55 cm



Francisco Relógio (1926-1997, Portugal)
 Portugal Flores e Pássaros, 1983
 Tapeçaria Ponto Arraiolos
 215 x 180 cm

Francisco Relógio (1926-1997, Portugal)
 Portugal Flowers and Birds, 1983
 Tapestry Ponto Arraiolos
 215 x 180 cm

Ref.: FR01

Entre fronteiras do gestual-figurativo

Para escrever sobre o artista e a obra de um pintor como Bual temos que regressar aos anos 50, era ele então funcionário na Junta de Colonização Interna em Lisboa. Na altura em que o conheci partilhámos inúmeras experiências com outros artistas como o Francisco Relógio, que organizava exposições pela província, e o Mário Cesariny, entre outros.

Ao longo da minha vida, conheci muitos pintores de todas as correntes e escolas. Lembro-me dos surrealistas, o chamado Grupo do Gelo que frequentavam a Brasileira do Chiado onde trocávamos experiências. O Bual era um desses artistas. Extrovertido, figura simples sem qualquer outra intenção senão partilhar esteticamente com os outros aquilo que mais gostava de fazer - pintar. Nessa altura eu era professor na António Arroio. As nossas obras eram vendidas a preços muito baixos, embora muitos outros artistas vivessem em piores condições económicas que nós, pois não tinham o apoio económico de um trabalho certo como o nosso. Estávamos num País deprimido com o antigo regime.

Encontravam-nos na Brasileira, discutíamos acaloradamente a arte, numa nação isolada da Europa, como um convento afastado pela estrutura oficial. Lembro-me de quando alguém ia a Paris. Quando regressava, havia uma avidez em saber o que se passava lá fora, as novidades e as atualizações. Estávamos no princípio dos anos 50. Depois começaram a nascer mocimentos contra o regime, greves de estudantes, algumas manifestações políticas com que o Bual muitas vezes se identificava. Mais tarde, quando recebe a bolsa da Gulbenkian, o Bual rumou até Paris, a que se segue a aprendizagem inerente da arte naquela capital da cultura. Aí nasce na sua pintura, a influência dos expressionistas alemães, patentes nos museus de Paris, vincando para sempre o percurso na sua obra, com força da dor desse expressionismo.

Antes, Bual era um pintor surdo de cores neutras, muito apagadas, como alguém que se sentia esmagado sem conseguir revelar o seu real valor. Foi em 1957/59, época muito importante em que a minha relação de amizade pessoal com um colega como o Bual mais se solidificou. Saliento no Bual o seu carácter forte, franco e leal, sempre pronto a ajudar um amigo.

O quadro premiado “A Fuga” transforma-o numa espécie de psicanálise fazendo-o surgir com toda a sua capacidade. No fim dos anos 60 e princípios de 70, Bual pinta os grandes quadros dos retratos, da sua força criativa em que aparece como pintor do espaço e do gesto, revelador da sua originalidade. Nessa altura havia uma tendência de se arrumar os pintores numa “gaveta”, dando-lhe os rótulos de acordo com os mais diversos interesses. Pelo facto de Bual não se conseguir arrumar em nenhuma “gaveta”, tornou-se de certa maneira, numa personalidade incómoda, criando alguma agressividade e incompreensão quer para ele quer para os outros artistas que não fossem facilmente arrumados.

Portugal, sem grandes tradições na pintura, consegue no século XX e em especial nos anos 60/70 manifestar uma força criativa, através de Sonia Delaunay, de Vieira da Silva e de Eduardo Viana, entre tantos outros portugueses conhecidos na Europa, numa explosão de arte, nunca antes conseguida, em que cada um se transformou numa espécie de fenómeno criativo, provando um valor universal, a este rectângulo fechado durante tanto tempo. Este período nunca foi devidamente estudado na História da Arte Moderna Portuguesa.

Manuel Cargaleiro - Pintor

(texto transcrito do catálogo da Exposição Retrospectiva de Artur Bual, na Casa da Liberdade - Mário Cesariny e Perve Galeria, em 2015)



Júlio Resende (1917-2011, Portugal)
Sem Título, 1970
Óleo s/ aglomerado de madeira
25 x 45 cm

Ref.: JUR01

Júlio Resende (1917-2011, Portugal)
Untitled, 1970
Oil on wood chipboard
25 x 45 cm



Gracinda de Sousa (1952-2018, Portugal)
 Lucerna Corporis I, 2008
 Pastel s/ papel
 30 x 22 cm

Ref.: GS25

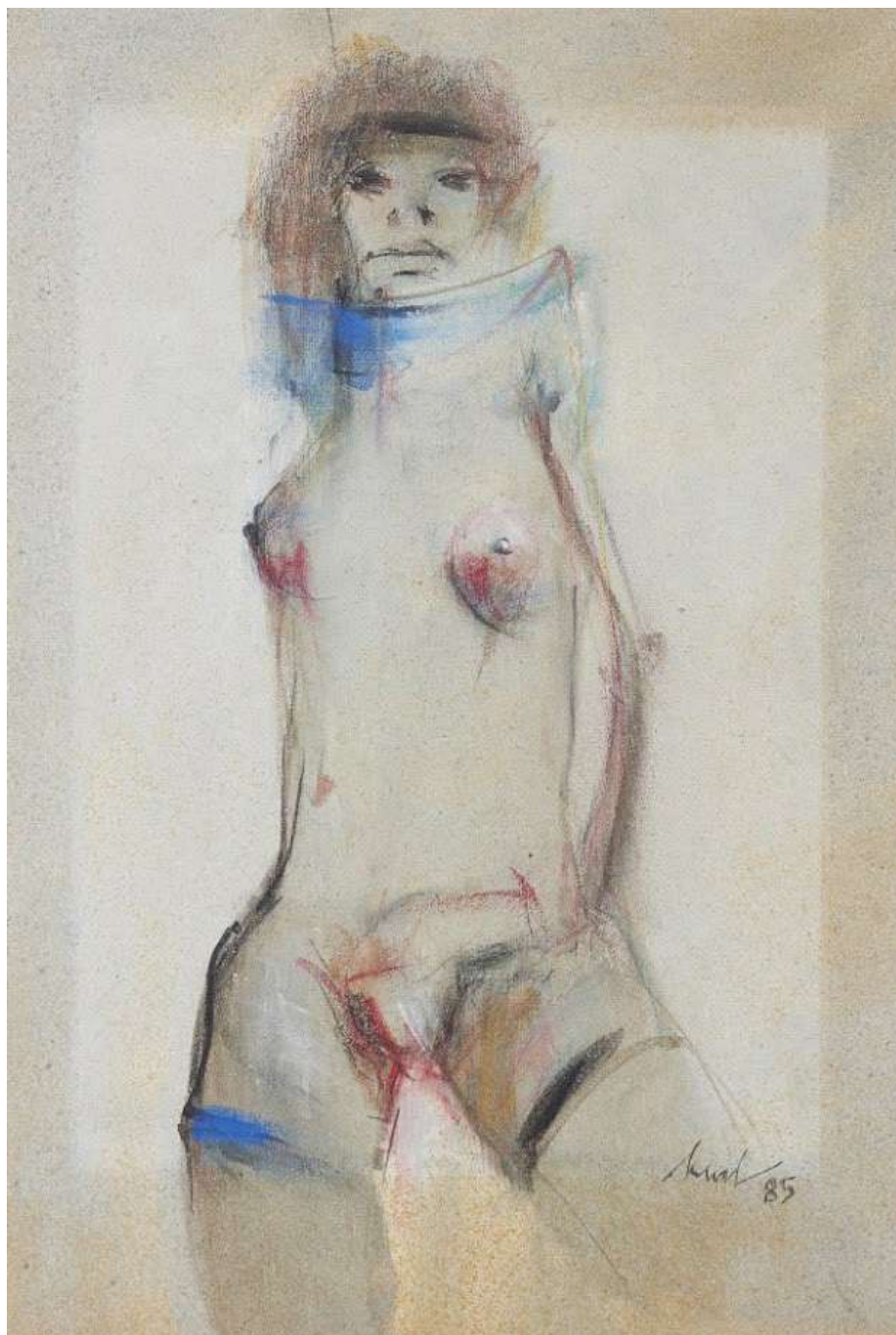
Gracinda de Sousa (1952-2018, Portugal)
 Lucerna Corporis I, 2008
 Pastel on paper
 30 x 22 cm



Aldina (1939-2011, Portugal)
 Sem Título, 1988
 Prato em cerâmica pintado
 20 cm (diâmetro)

Ref.: ALD15

Aldina (1939-2011, Portugal)
 Untitled, 1988
 Hand-painted ceramic plate
 20 cm (diameter)



Artur Bual (1926-1999, Portugal)
Sem Título, 1985
Óleo s/ tela
54 x 36,5 cm

Artur Bual (1926-1999, Portugal)
Untitled, 1985
Oil on canvas
54 x 36,5 cm

Ref.: AB1115

Between the boundaries of figurative-gesture

To write about the artist and the work of a painter such as Artur Bual, one must return to the 1950s, when he was employed at the Internal Colonization Board in Lisbon. At the time I first met him, we shared countless experiences with other artists, such as Francisco Relógio, who organised exhibitions throughout the country, and Mário Cesariny, among others.

Throughout my life, I came to know many painters from every movement and school. I remember the Surrealists, the so-called Grupo do Gelo, who gathered at A Brasileira in Chiado, where we exchanged ideas and experiences. Bual was one of those artists: outgoing, unpretentious, and driven by no ambition other than to share with others, through art, what he loved most—painting. At that time, I was teaching at the António Arroio School of Decorative Arts. Our works sold for very modest prices, although many other artists lived in even harsher economic circumstances than we did, as they lacked the financial security of steady employment, which both of us had. We lived in a country weighed down by the old regime.

We would meet at A Brasileira, where we passionately debated art in a nation isolated from the rest of Europe, cut off by the official political structure, almost like a secluded convent. I remember how exciting it was whenever someone travelled to Paris. Upon their return, there was an intense eagerness to learn what was happening abroad—the latest developments and artistic innovations. It was the early 1950s. Soon afterwards, movements opposing the regime began to emerge: student strikes and political demonstrations with which Bual often identified. Later, after being awarded a scholarship by the Gulbenkian Foundation, Bual travelled to Paris, where he immersed himself in the artistic life of what was then the capital of culture. There, his painting absorbed the influence of the German Expressionists whose works were displayed in Parisian museums, an influence that permanently shaped his artistic path with the emotional intensity and suffering characteristic of Expressionism.

Before this period, Bual was a painter of muted, subdued colours, as though burdened by circumstances that prevented him from revealing his true worth. It was between 1957 and 1959—a particularly important period—when my friendship with Bual became firmly established. What always stood out to me was the strength of his character: forthright, loyal, and always ready to help a friend.

His award-winning painting “A Fuga” became a kind of self-psychoanalysis, allowing the full extent of his artistic potential to emerge. By the late 1960s and early 1970s, Bual was creating his large portrait paintings, works of extraordinary creative force in which he revealed himself as a painter of space and gesture, affirming the originality of his vision. At that time, there was a tendency to place painters into neatly defined “drawers”, assigning them labels according to a variety of artistic or ideological interests. Because Bual could not be confined to any such category, he became, in a sense, an uncomfortable figure, provoking a degree of hostility and misunderstanding—not only towards himself but also towards other artists who similarly resisted classification.

Although Portugal had no great tradition in painting, the twentieth century—and especially the 1960s and 1970s—witnessed an extraordinary outpouring of creative energy through artists such as Sonia Delaunay, Vieira da Silva, and Eduardo Viana, among many other Portuguese artists who achieved recognition across Europe. It was an unprecedented explosion of artistic creativity, in which each artist became a unique creative phenomenon, demonstrating the universal value of a country that had remained culturally enclosed for so long. This remarkable period has never been properly studied within the history of modern Portuguese art.

Manuel Cargaleiro – Painter

(Text transcribed from the catalogue of the retrospective exhibition of Artur Bual, held at Casa da Liberdade – Mário Cesariny and Perve Galeria, 2015)



Artur Bual (1926-1999, Portugal)
 Sem Título, 1975
 Técnica mista s/ papel
 49 x 30 cm

Artur Bual (1926-1999, Portugal)
 Untitled, 1975
 Mixed media on paper
 49 x 30 cm

Ref.: AB473



Natália Correia (1923-1993, Portugal)
 Ternura, dedicado a Mário Cesariny, n.d.
 Caneta e acrílico s/ papel
 43 x 56 cm

Natália Correia (1923-1993, Portugal)
 Tenderness, dedicated to Mário Cesariny, n.d.
 Pen and Acrylic on paper
 43 x 56 cm

Ref.: NC01



José Escada (1934-1980, Portugal)
Sem Título - Figuras, 1953
Tinta da china s/ papel
30 x 20 cm

Ref.: JE03

José Escada (1934-1980, Portugal)
Untitled - Figures, 1953
Indian ink on paper
30 x 20 cm



Albino Moura (1931-2019, Portugal)
Sem Título, 2008
Técnica mista s/ papel
33 x 25 cm

Ref.: AM78

Albino Moura (1931-2019, Portugal)
Untitled, 2008
Mixed media on paper
33 x 25 cm



Isabel Meyrelles (1929, Portugal)
Casa Habitada, 2004
Gesso pintado
22 x 36 x 20 cm

Isabel Meyrelles (1929, Portugal)
Inhabited House, 2004
Painted plaster
22 x 36 x 20 cm

Ref.: IM23



Leonel Moura (1948, Portugal)
Mário Soares
Escultura impressa em 3D
25 x 16 x 22 cm

Ref.: LM003

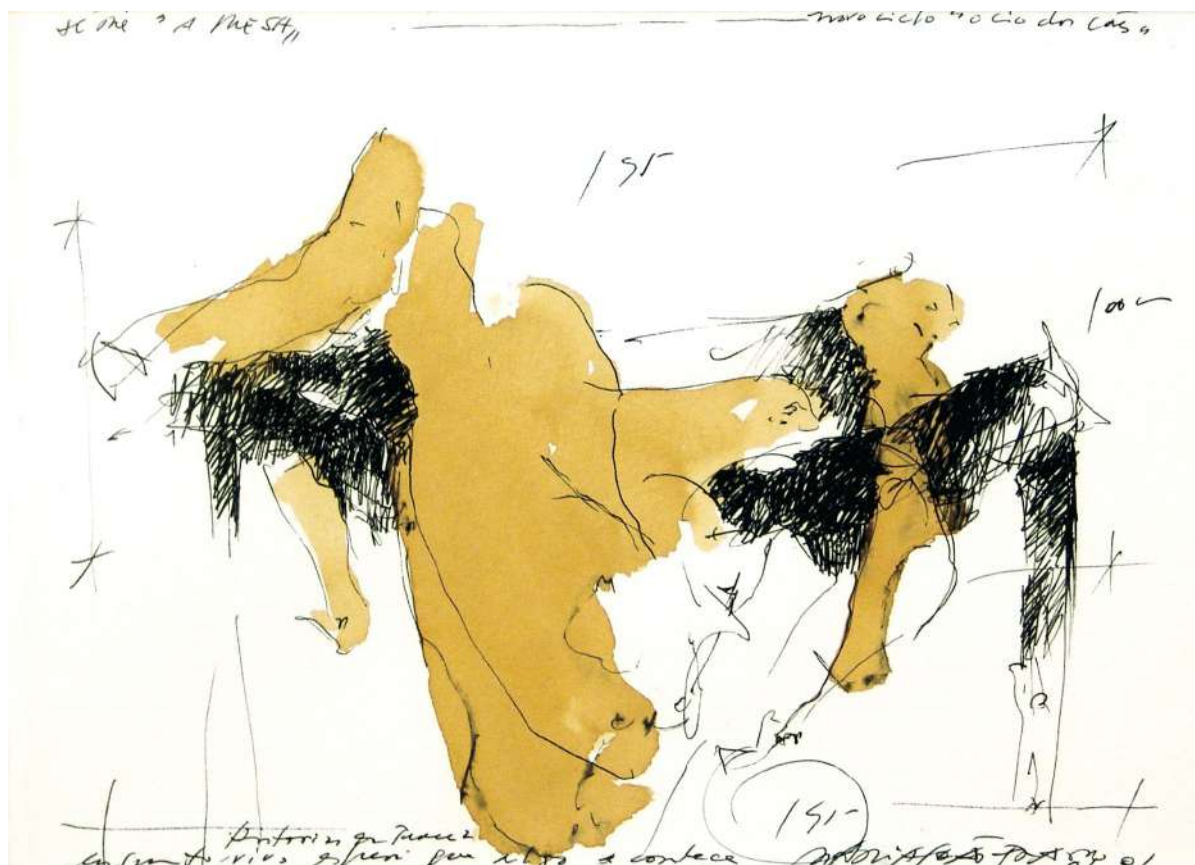
Leonel Moura (1948, Portugal)
Mário Soares
3D printed sculpture
25 x 16 x 22 cm



Rosa Ramalho (1888-1977, Portugal)
Sem Título, n.d.
Cerâmica vidrada
11 x 11 x 11 cm

Ref.: RR07

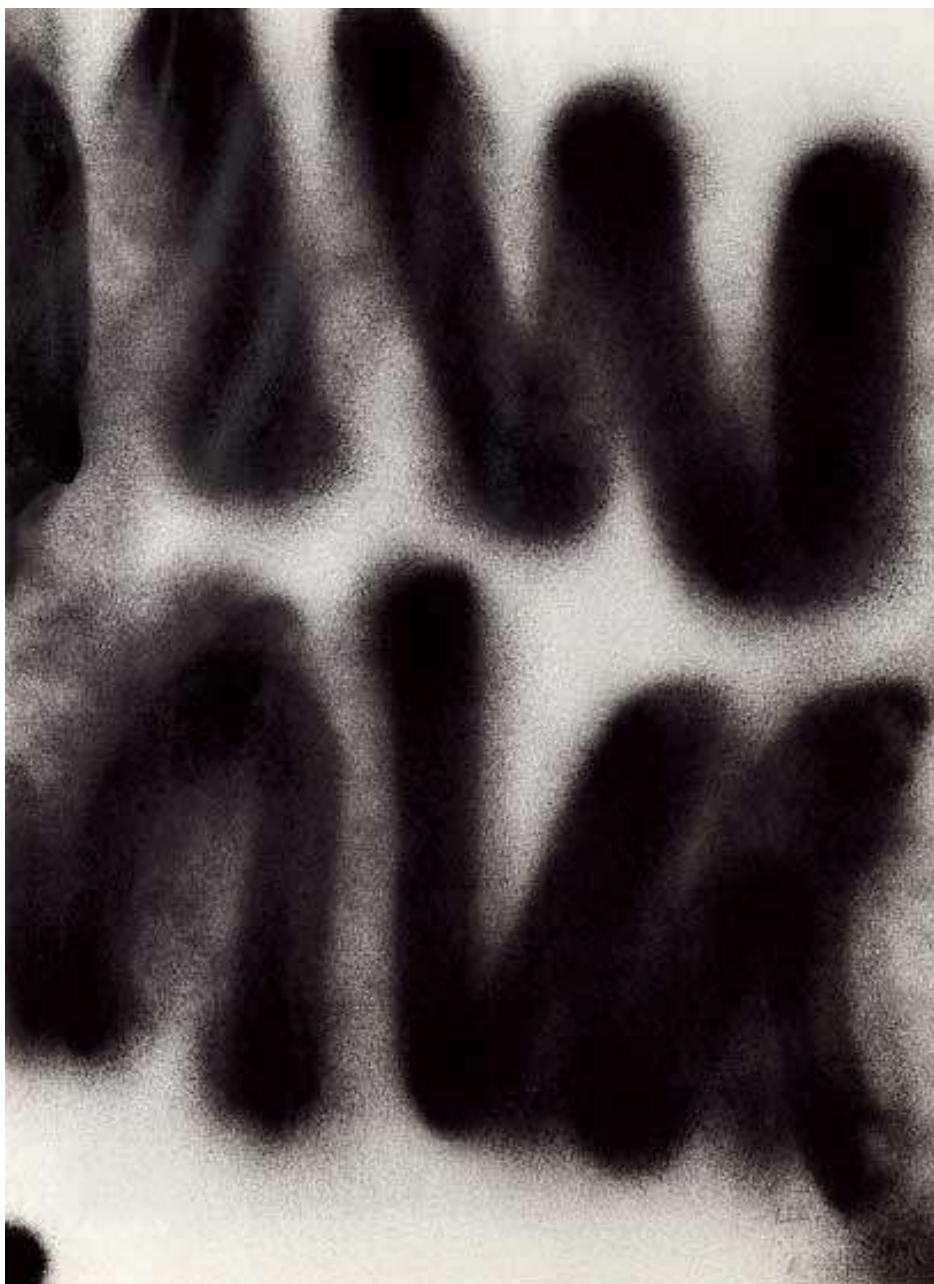
Rosa Ramalho (1888-1977, Portugal)
Untitled, n.d.
Glazed ceramics
11 x 11 x 11 cm



Maria João Franco (1945, Portugal)
Série "A Mesa" - Novo Ciclo dos Cães, 2001
Tinta e aguada s/ papel
20,5 x 28,5 cm

Ref.: MJF17

Maria João Franco (1945, Portugal)
"The Table" Series – New Cycle of the Dogs, 2001
Ink and water wash on paper
20,5 x 28,5 cm



Ana Hatherly (1929-2015, Portugal)
Neograffiti, 2001
Técnica mista s/ papel
66 x 48 cm

Ana Hatherly (1929-2015, Portugal)
Neograffiti, 2001
Mixed media on paper
66 x 48 cm

Ref.: AB0006



Reinata Sadimba (1945, Moçambique)
Sem Título, 2025
Cerâmica
39 x 20 x 24 cm

Ref.: R319

Reinata Sadimba (1945, Mozambique)
Untitled, 2025
Ceramics
39 x 20 x 24 cm



Marco Brás (1973, Moçambique/Portugal/
E.U.A.)
Sem título, 1995
Escultura em pedra
44 x 43 x 49 cm

Ref.: MBR16

Marco Brás (1973, Mozambique/Portugal/
U.S.A.)
Untitled, 1995
Stone sculpture
44 x 43 x 49 cm



Figueiredo Sobral (1926-2010, Portugal)
 Mulher ao espelho, n.d
 Escultura em metal prateado
 40 x 20 x 10 cm

Figueiredo Sobral (1926-2010, Portugal)
 Woman at the Mirror, n.d
 Silver metal sculpture
 40 x 20 x 10 cm

Ref.: FGS103



Cruzeiro Seixas (1920-2020, Portugal)
Sem Título, 1952
Têmpera e tinta da china s/ papel
23 x 22 cm

Ref.: CS137

Cruzeiro Seixas (1920-2020, Portugal)
Untitled, 1952
Indian ink and tempera on paper
23 x 22 cm

Graça Morais (1948, Portugal)
Retratos, 1996
Carvão, tinta e acrílico s/ tela
35 x 27 cm

Ref.: GRM001

Graça Morais (1948, Portugal)
Portraits, 1996
Charcoal, ink and acrylic on canvas
35 x 27 cm



A emotividade dilacerante da pintura

Nascido em 1926 em Lisboa, Artur Bual cedo se revelou um dos artistas mais dotados da sua geração, considerado um pioneiro da pintura gestual em Portugal, desde o início dos anos cinquenta. Efectivamente, Artur Bual foi um dos primeiros pintores gestuais abstractos portugueses, que participaram no 1.º Salão de Arte Abstracta, em 1954 organizado pelo historiador e crítico de arte José-Augusto França, na Galeria de Março, em Lisboa. Foi distinguido pelo Sindicato dos Críticos de Arte de França, na 1.ª Bienal de Paris em 1959, onde o (então jovem) artista mereceu as seguintes palavras elogiosas de André Malraux: “La peinture de ce jeune portugais (Bual) contient la clarté et l’emotion du silence éloquent de la poésie”.

Foi Prémio Nacional de Pintura Amadeo de Souza Cardoso, em 1959. Acontece que, para ele, a pintura não era coisa fácil, mas algo que o mantinha permanentemente inquieto e, nessa perspectiva, o artista não tinha receio de assumir os aspectos mais contraditórios de uma arte de expressão directa, aparentemente caótica, que tentava resolver, quantas vezes com mestria, em termos eminentemente plásticos.

Ao longo de cerca de 50 anos de pintura, o seu gestualismo de vocação expressionista sempre se debateu entre a abstracção e a figuração, na apropriação de um espaço cenográfico, onde se inscreve o ritmo convulsivo do gesto do pintor.

A sua paleta não abdica do claro-escuro do cromatismo tonal, que sugere profundidade e luminosidade, ao associar o negro a uma gama de tons sombrios de cinzentos e castanhos, de cuja densa obscuridade irrompem, por vezes, súbitos clarões de brancos, vermelhos sanguíneos, amarelos pálidos e azuis claros.

Curiosamente, é no princípio e, mais deliberadamente no fim da sua carreira, que melhor se afirma a sua pintura gestual abstracta, expansiva e informal, onde sobressai o ritmo sincopado de pinceladas sobrepostas que, numa agitação frenética, aceitam os escorridos e os salpicos de tinta, na expressão directa e total do gesto. Ao fazê-lo cria uma linguagem espontânea, que, pela sua carga emotiva, exasperação dramática e forte conteúdo humano, se abeira do expressionismo abstracto.

Oscilante entre o telúrico, o orgânico e o cósmico, o informalismo matérico de Bual converge, nos anos 50, com o dos espanhóis seus contemporâneos: Viliacabras, Tarrats, Pijuan, Viola, Feito, Millares e Tapies. Na mesma cumplicidade contra a desoladora realidade social, marcada pela guerra, os seus trapos colados sobre tela exprimem essa memória trágica.

No caso de Bual, também transparece a memória sinistra do negro e do vermelho sanguíneo (cor de sangue e de boi) de uma infância complexa, vivida em Torres Novas.

O expressionismo abstracto, que se vinha anunciando desde os anos 50, atinge ampla e significativa dimensão nos anos 90, nomeadamente nas últimas telas, executadas em 1998, no ano que antecedeu a morte do pintor, em Janeiro de 1999. Essas últimas telas são o testemunho gritante de uma existência atormentada, sedenta de infinito.

Numa visão retrospectiva, a figuração e a abstracção alternam e, frequentemente, se confundem, na obra de Artur Bual.

É nos retratos de conhecidos Escritores Portugueses, como Bocage, Camilo Castelo Branco, Aquilino Ribeiro (1963), Antero de Quental (1983), Fernando Pessoa (1988), José Gomes Ferreira (1988), Florbela Espanca (1996), Natália Correia e Sofia de Mello Breyner, entre outros, que o talento do pintor vai ao encontro do gesto dominante.



Cruzeiro Seixas (1920-2020, Portugal)
Sem Título, c. 1950
Têmpera s/ papel
14 x 22 cm

Ref.: CS101

Cruzeiro Seixas (1920-2020, Portugal)
Untitled, c. 1950
Tempera on paper
14 x 22 cm

Na descendência de Columbano e outros Mestres Naturalistas Portugueses que admira, Artur Bual tenta conciliar a concepção tradicional do retrato em claro-escuro com o seu gestualismo impulsivo, conseguindo uma vigorosa expressão dramática. Por vezes, o rosto humano transforma-se em máscara fantasmagórica, designadamente nos retratos imaginários dos poetas: Teixeira de Pascoaes (1987), Camões (1990) e Mário Cesariny (1990). Nestas e noutras máscaras dilaceradas pela dor e tragédia, perpassa alguma evocação goyesca, na sua fase negra.

De temperamento expressionista, o gesto do pintor tende a romper com esquemas de representação convencional, quer nas cabeças de “Cristo”, quer nas “Crucificações”, que sintetizam a paixão e a angústia existencial do homem contemporâneo. Sobre a tela branca, colocada verticalmente no cavalete, o gesto largo e decidido do pintor traça a pincel e tinta negra o esquema figurativo de uma “Crucificação”, integrada na estrutura geral da composição. Ao contraste negro-branco inicial, acrescenta-lhe o vermelho sanguíneo, o azul, o ocre e uma gama de cinzentos. O espaço cenográfico enquadra-se no rectângulo vertical da tela. O modelo interiorizado é um referente que o pintor trabalha obstinadamente.

Enquanto pinta, o pintor remete-se ao silêncio, inteiramente absorvido pelo acto de pintar. Na ânsia de preencher totalmente o suporte, largas manchas de cor tonal alastram e alteram parcialmente o esquema figurativo inicial, que o pintor posteriormente recupera e realça com negros e brancos.

Vivendo por dentro a imagem que emerge da aparente confusão de pinceladas sobrepostas, Bual não perde nunca a percepção global da pintura. Sublinhe-se a sinceridade e a convicção com que o pintor ataca a tela, onde se projecta totalmente. O desenho revela a gramática formal do artista, desde a figuração estilizada e distorcida até à abstracção caligráfica.

Na representação esquemática do nu feminino, em atitude de pose erótico-sensual, há algo de irreverente e provocatório. Noutras obras, a relação com o corpo humano está na origem de um biomorfismo orgânico, abstractizante. O antropomorfismo é, aliás, uma constante na obra de Artur Bual, mesmo quando reduzido a apontamentos sintéticos ou elementares sinais gráficos.

No traçado gestual de cavalos em movimento, a figura tende a reduzir-se a uma ágil caligrafia. Muitos dos seus desenhos e algumas pinturas abstractas mais depuradas evidenciam o sentido caligráfico de uma linguagem, que começa por se exercer em função da nudez branca do suporte, antes de ser o preenchimento total da superfície.

Em Portugal, nomeadamente desde o 25 de Abril de 1974, Dia da Liberdade, Artur Bual pintou ao vivo telas de grandes dimensões nos Encontros Internacionais de Arte, nas Bienais de Cerveira e em muitos locais públicos. Quer aí, quer no seu atelier-cave, na Amadora, aberto sempre ao convívio de amigos e admiradores, muitos tiveram o privilégio de ver como o pintor se dava de corpo e alma à articulação do seu gesto estrutural, que se apodera do espaço, sem deixar de sentir o élan vital de toda a composição.

Jamais desvinculada da emoção que a motiva, a sua pintura, tão incómoda quanto profundamente inquieta e ávida de mil sensações, não abdica da dimensão humana, pelo que se torna dramática, exasperante e, ao mesmo tempo, sensual e fraterna. Ao assumir o seu ofício de pintor como um ritual de todos os dias, o artista pintava quase incessantemente. Pintor por instinto, Artur Bual atinge a maturidade do seu próprio estilo, consequentemente de uma longa e persistente prática.

Pela profundidade humana intrínseca que exprime, a sua pintura não nos deixa indiferentes, antes nos torna cúmplices do drama em que se envolve e nos envolve, através da problemática estética que suscita. Em algumas obras mais audaciosas e menos conhecidas, a pintura integra a colagem de materiais pobres, formando relevos, que exaltam a aspereza da matéria e a violência agressiva da mancha. Sobre não importa qual suporte (tela, madeira, cartão, papel), tudo lhe serve de pretexto para intervir com a sua marca pessoal.

A pintura de Bual não se cinge à mera explosão catártica do instinto, é muito mais que isso, persiste algo que a transcende. Ao absorver a complexidade do drama humano, há uma angústia latente em tudo o que projecta no papel ou na tela em plena concordância com a própria vida.

Eurico Gonçalves – Pintor e Crítico de Arte

(texto transcrito do catálogo da Exposição Retrospectiva de Artur Bual, na Casa da Liberdade - Mário Cesariny e Perve Galeria, em 2015)



João Artur da Silva (1928, Portugal/UK/Canadá)
Mulher Portuguesa, 1980
Escultura em gesso patinado
43 x 14 x 10,5 cm

Ref.: JAS411

João Artur da Silva (1928, Portugal/UK/Canada)
Portuguese Woman, 1980
Patinated plaster sculpture
43 x 14 x 10,5 cm



João Artur da Silva (1928, Portugal/UK/Canadá)
Sem Título, 2003
Escultura de cerâmica patinada
51 x 11 x 17 cm

Ref.: JAS430

João Artur da Silva (1928, Portugal/UK/Canada)
Untitled, 2003
Patinated ceramic sculpture
51 x 11 x 17 cm



Martins Correia (1910-1999, Portugal)
Série "África", n.d.
Gouache s/ papel
61,5 x 32 cm

Ref.: MC012 - B



Martins Correia (1910-1999, Portugal)
Série "África", n.d.
Gouache s/ papel
61,5 x 32 cm

Ref.: MC012 - C

Martins Correia (1910-1999, Portugal)
"Africa" Series, n.d.
Gouache on paper
61.5 x 32 cm

Martins Correia (1910-1999, Portugal)
"Africa" Series, n.d.
Gouache on paper
61.5 x 32 cm

The painting's heart-rending emotional power

Born in Lisbon in 1926, Artur Bual soon established himself as one of the most gifted artists of his generation and is regarded as one of the pioneers of gestural painting in Portugal from the early 1950s onwards. Indeed, Artur Bual was one of the first Portuguese abstract gestural painters to participate in the 1st Abstract Art Salon, organised in 1954 by the art historian and critic José-Augusto França at the Galeria de Março in Lisbon. He was honoured by the French Association of Art Critics at the 1st Paris Biennale in 1959, where the (then young) artist inspired the following words of praise from André Malraux: “La peinture de ce jeune portugais (Bual) contient la clarté et l’émotion du silence éloquent de la poésie.”

In the same year, he was awarded the Amadeo de Souza-Cardoso National Painting Prize. For Bual, however, painting was never an easy undertaking; rather, it was something that kept him in a permanent state of creative restlessness. From this perspective, he never hesitated to embrace the most contradictory aspects of an art based on direct expression—an art that often appeared chaotic, yet which he repeatedly resolved with remarkable mastery in purely pictorial terms.

Throughout almost fifty years of artistic production, his expressionist gestural language continually oscillated between abstraction and figuration, appropriating a theatrical pictorial space in which the convulsive rhythm of the artist’s gesture is inscribed.

His palette never abandons the chiaroscuro of tonal colour, suggesting both depth and luminosity through the juxtaposition of black with sombre greys and browns, from whose dense darkness there occasionally emerge sudden flashes of white, blood-red, pale yellow and light blue.

Curiously, it is both at the beginning and, even more deliberately, at the end of his career that his abstract gestural painting finds its fullest expression. Expansive and informal, it is characterised by the syncopated rhythm of overlapping brushstrokes which, in a frenetic movement, embrace drips and splashes of paint as direct manifestations of gesture itself. In doing so, Bual created a spontaneous visual language whose emotional intensity, dramatic tension and profound human content place it close to Abstract Expressionism.

Oscillating between the earthly, the organic and the cosmic, Bual’s material Informalism converged during the 1950s with that of his Spanish contemporaries—Vilacasas, Tarrats, Pijuan, Viola, Feito, Millares and Tàpies. United by a shared response to the bleak social reality shaped by war, their canvases, incorporating pieces of fabric and other humble materials, evoke a collective tragic memory.

In Bual’s case, there also emerges the haunting memory of black and blood-red—the colours of blood and of the bull—reflecting a complex childhood spent in Torres Novas.

The Abstract Expressionism that had been developing since the 1950s reached its fullest and most significant expression during the 1990s, particularly in the final canvases painted in 1998, the year before the artist’s death in January 1999. These last works stand as a powerful testimony to a tormented existence, forever yearning for the infinite.

From a retrospective perspective, figuration and abstraction alternate and frequently merge throughout Artur Bual’s oeuvre.

It is in his portraits of renowned Portuguese writers—including Bocage, Camilo Castelo Branco, Aquilino Ribeiro (1963), Antero de Quental (1983), Fernando Pessoa (1988), José Gomes Ferreira (1988), Florbela Espanca (1996), Natália Correia and Sophia de Mello Breyner, among others—that the artist’s mastery of expressive gesture becomes most evident.

Following in the tradition of Columbano and other Portuguese Naturalist masters whom he greatly admired, Artur Bual sought to reconcile the traditional conception of portraiture, with its dramatic chiaroscuro, and his own impulsive gestural language, achieving works of remarkable expressive power. At times, the human face is transformed into a ghostly mask, particularly in his imaginary portraits of the poets Teixeira de Pascoaes (1987), Camões (1990) and Mário Cesariny (1990). In these and other masks, torn apart by pain and tragedy, one perceives echoes of Goya's Black Paintings.

An artist of unmistakably expressionist temperament, Bual's painterly gesture constantly breaks away from conventional modes of representation, whether in his depictions of Christ's head or in his Crucifixions, which synthesise the Passion and the existential anguish of modern humanity. On the white canvas placed vertically upon the easel, the artist's broad and decisive gesture sketches, with black paint, the figurative structure of a Crucifixion integrated into the overall composition. To the initial contrast between black and white he gradually adds blood-red, blue, ochre and a wide range of greys. The pictorial space is framed within the vertical rectangle of the canvas, while the internalised image of the subject remains a constant reference that the painter tirelessly reworks.

While painting, Bual withdrew into silence, entirely absorbed by the act of creation. In his determination to occupy the whole surface, broad tonal fields of colour spread across the canvas, partially transforming the original figurative scheme, which he would later recover and reinforce with blacks and whites.

Immersed in the image emerging from the apparent confusion of overlapping brushstrokes, Bual never lost sight of the painting as a whole. It is worth emphasising the sincerity and conviction with which he confronted the canvas, projecting himself completely into it. His drawing reveals the formal grammar of his artistic language, ranging from stylised and distorted figuration to calligraphic abstraction.

In his schematic representations of the female nude, posed with erotic and sensual overtones, there is an unmistakable sense of irreverence and provocation. In other works, the relationship with the human body gives rise to an organic, abstracting biomorphism. Anthropomorphism, moreover, remains a constant throughout Artur Bual's work, even when reduced to minimal graphic signs or elementary formal indications.

In his gestural renderings of horses in motion, the figure often dissolves into agile visual calligraphy. Many of his drawings, as well as some of his more refined abstract paintings, reveal the calligraphic nature of a visual language that first engages with the untouched whiteness of the support before eventually occupying the entire pictorial surface.

In Portugal, particularly after the Carnation Revolution of 25 April 1974, Artur Bual painted large-scale works live during International Art Meetings, at the Cerveira Biennials and in numerous public spaces. Whether at these events or in his basement studio in Amadora—which was always open to friends and admirers—many had the privilege of witnessing the complete physical and emotional commitment with which the artist articulated his structural gesture, taking possession of pictorial space while preserving the vital energy that animated the entire composition.

Never detached from the emotion that inspired it, Bual's painting is as unsettling as it is profoundly restless and eager for countless sensations. It never relinquishes its human dimension and therefore becomes dramatic, intense, sensual and deeply fraternal. Treating painting as a daily ritual, the artist worked almost incessantly. A painter by instinct, Artur Bual achieved the maturity of his own distinctive style through decades of persistent dedication and continuous practice.

Because of the intrinsic humanity it expresses, his painting leaves no viewer indifferent. Instead, it makes us participants in the drama that both inhabits the work and envelops us through the aesthetic questions it raises. In some of his boldest and lesser-known works, Bual incorporates humble materials into the painting, creating textured reliefs that emphasise the roughness of matter and the aggressive violence of the painted surface. Whatever the support—canvas, wood, cardboard or paper—it became an opportunity for the artist to leave the unmistakable imprint of his personal vision.

Bual's painting cannot be reduced to a mere cathartic explosion of instinct. It is far more than that; there remains within it something that transcends instinct itself. By embracing the complexity of the human condition, his work conveys a latent anguish that permeates everything he projected onto paper or canvas, in profound harmony with his own life.

Eurico Gonçalves - Painter and Art Critic

(Text transcribed from the catalogue of the retrospective exhibition of Artur Bual, held at Casa da Liberdade – Mário Cesariny and Perve Galeria, 2015.)



Cruzeiro Seixas (1920-2020, Portugal)
 Sem Título, 2020
 Painel de 24 azulejos, executados
 por Anabela Cardoso a partir de projecto
 original de Cruzeiro Seixas, datado de 1960
 88 x 56 x 2 cm

Ref.: CS099-B

Cruzeiro Seixas (1920-2020, Portugal)
 Untitled, 2020
 24 tiles panel, executed
 by Anabela Cardoso from the original project
 project by Cruzeiro Seixas, dated 1960
 88 x 56 x 2 cm



Cruzeiro Seixas (1920-2020, Portugal)
Duas figuras com rugas, c. 1950
Tinta da china s/ papel
20 x 16,5 cm

Ref.: CS130

Cruzeiro Seixas (1920-2020, Portugal)
Two figurines with wrinkles, c. 1950
Chinese ink on paper
20 x 16,5 cm



Abílio Febra (1956, Portugal)
Sem Título, 1993
Escultura em pedra
38 x 23,5 cm

Ref.: ABF3

Abílio Febra (1956, Portugal)
Untitled, 1993
Stone sculpture
38 x 23,5 cm



António Ramalho (1969, Portugal)
Sem Título, n.d.
Cerâmica vidrada
125 x 45 x 45 cm

António Ramalho (1969, Portugal)
Untitled, n.d.
Glazed ceramic
125 x 45 x 45 cm

Ref.: ARM01



Artur Bual (1926-1999, Portugal)
A máscara da ditadura, 1960
Técnica mista s/ papel
61 x 43 cm

Ref.: AB460

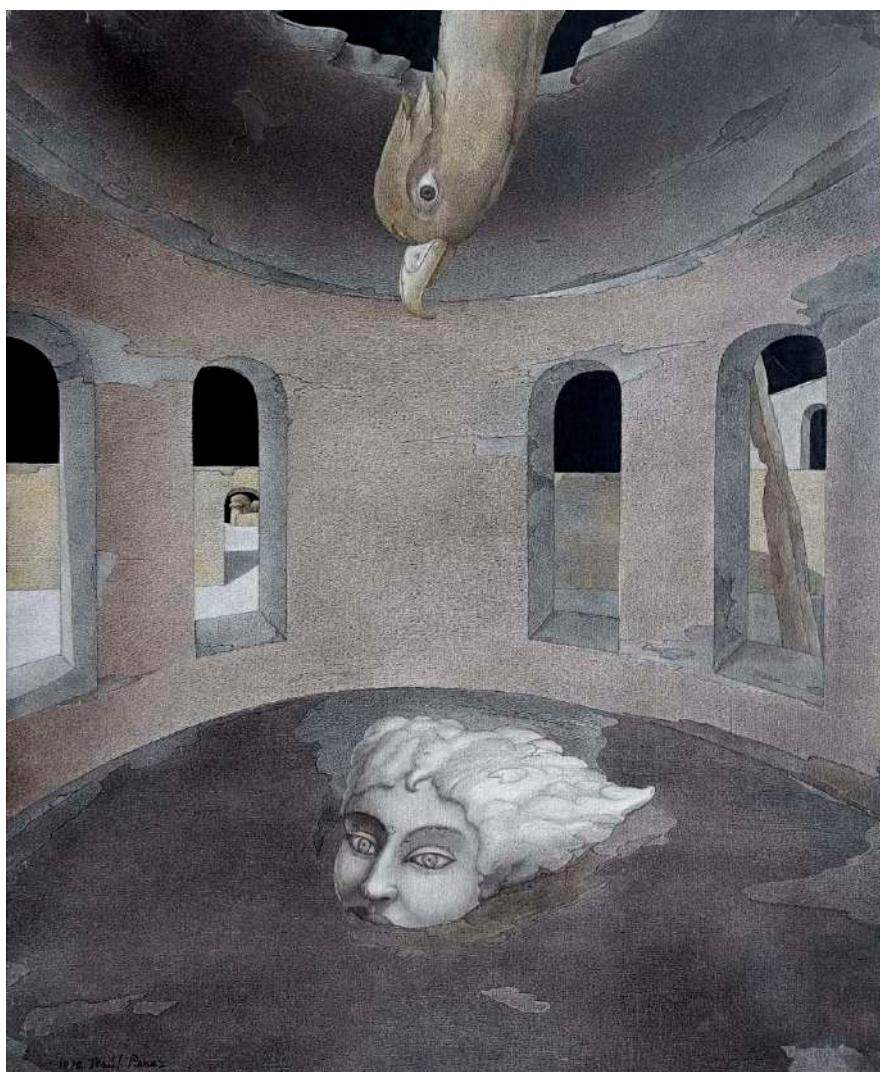
Artur Bual (1926-1999, Portugal)
The mask of dictatorship, 1960
Mixed media on paper
61 x 43 cm



Júlio Pomar (1926-2018, Portugal)
Sem Título, c. 1990
Escultura em ferro e bronze
40,5 x 10 x 13 cm

Ref.: JPM01-A, JPM01-B, JPM01-C

Júlio Pomar (1926-2018, Portugal)
Untitled, c. 1990
Iron and bronze sculpture
40,5 x 10 x 13 cm



Raúl Pérez (1944, Portugal)
Sem Título, 1972
Óleo s/ tela
64 x 53 cm

Ref.: RPZ15

Raúl Pérez (1944, Portugal)
Untitled, 1972
Oil painting on canvas
64 x 53 cm



Gil Teixeira Lopes (1936, Portugal)
Sem Título, 1977
Técnica mista s/ papel
104 x 70 cm

Gil Teixeira Lopes (1936, Portugal)
Untitled, 1977
Mixed media on paper
104 x 70 cm

Ref.: GTL001



Artur Bual (1926-1999, Portugal)
Sem Titulo, 1954
Gouache s/ cartão
27 x 23 cm

Artur Bual (1926-1999, Portugal)
Untitled, 1954
Gouache on cardboard
27 x 23 cm

Ref.: AB0204



Hein Semke (1899-1995, Portugal/Alemanha)
Máscara em cerâmica, 1953
Cerâmica vidrada
32 x 20 x 20 cm

Hein Semke (1899-1995, Portugal/Germany)
Ceramic mask, 1953
Glazed ceramic
32 x 20 x 20 cm

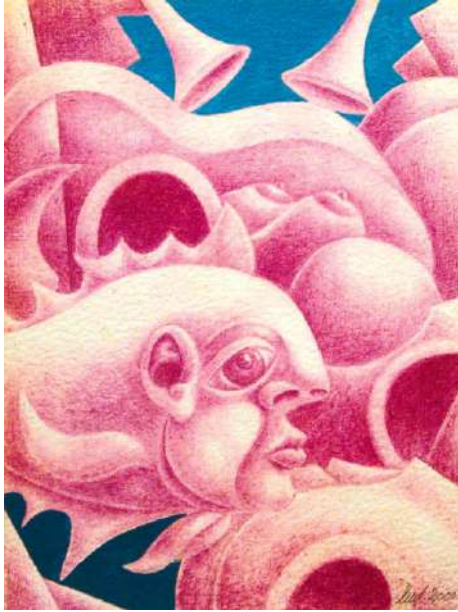
Ref.: HS001



Ernesto Shikhani (1934-2010, Moçambique)
 Sem Título, 1998
 Têmpera e tinta da china s/ papel
 50 x 34 cm

Ernesto Shikhani (1934-2010, Mozambique)
 Untitled, 1998
 Tempera and Indian ink on paper
 50 x 34 cm

Ref.: S081



Lud (1948-2022, Portugal)
Sem Título, 2000
Técnica mista s/ cartão
18 x 13 cm

Ref.: LUD11

Lud (1948-2022, Portugal)
Untitled, 2000
Mixed media on cardboard
18 x 13 cm



Cruzeiro Seixas (1920-2020, Portugal)
Sem Título, n.d.
Técnica mista s/ papel
42 x 59,5 cm

Ref.: CS190

Cruzeiro Seixas (1920-2020, Portugal)
Untitled, n.d.
Mixed media on paper
42 x 59,5 cm



Teresa Balté (1942, Portugal)
 Sem Título, 1963
 Técnica mista s/ papel
 44,5 x 34 cm

Ref.: TB103

Teresa Balté (1942, Portugal)
 Untitled, 1963
 Mixed media on paper
 44,5 x 34 cm



Marco Brás (1973, Moçambique/Portugal/
E.U.A.)

Sem título, 2000

Escultura em pedra

36 x 13 x 15 cm

Ref.: MBR06

Marco Brás (1973, Mozambique/Portugal/
U.S.A.)

Untitled, 2000

Stone sculpture

36 x 13 x 15 cm

Marco Brás (1973, Moçambique/Portugal/E.U.A.)

Sem Título, 2000

Escultura em pedra

36 x 12 x 18 cm

Ref.: MBR011

Marco Brás (1973, Mozambique/Portugal/U.S.A.)

Untitled, 2000

Stone sculpture

36 x 12 x 18 cm





Fernando Grade (1943, Portugal)
Angola ao vento - Série Teoria das Multidões, 2015
Técnica mista s/ papel
30 x 21 cm

Ref.: FG15

Fernando Grade (1943, Portugal)
Angola ao vento - Teoria das Multidões series, 2015
Mixed media on paper
30 x 21 cm



Cruzeiro Seixas (1920-2020, Portugal) & Cabral Nunes (1971, Moçambique / Portugal)
Sem Título (realizada no voo de Lisboa para Paris), 2018
Técnica mista s/ papel
13 x 35 cm

Ref.: CESQ_CS_CNU05

Cruzeiro Seixas (1920-2020, Portugal) & Cabral Nunes (1971, Mozambique / Portugal)
Untitled (Performed in the flight from Lisbon to Paris), 2018
Mixed media on paper
13 x 35 cm



Jorge Vieira (1922-1998, Portugal)
 Sem Título, 1980
 Guache s/ papel
 67 x 54 cm

Ref.: JV16

Jorge Vieira (1922-1998, Portugal)
 Untitled, 1980
 Gouache on paper
 67 x 54 cm

Perve Galeria

Em 2026, a Perve Galeria celebra 26 anos de existência, consolidando um percurso singular, plural e profundamente comprometido com a promoção de vozes artísticas frequentemente sub-representadas, sobretudo provenientes do Sul Global e do espaço lusófono. Ao longo de mais de duas décadas, a galeria tem dado visibilidade e projeção internacional a artistas como Reinata Sadimba, Ernesto Shikhani, Malangatana Ngwenya, Manuel Figueira, Teresa Roza d'Oliveira e João Artur da Silva, cujas obras integram hoje coleções e instituições de referência, incluindo a Tate Modern, o Centre Georges Pompidou e a Fundação de Serralves, entre muitas outras.

Ao longo do seu percurso, a Perve Galeria tem vindo a explorar formatos inovadores de curadoria e colaboração, abrindo espaço para projetos que reúnem coleções institucionais e obras de artistas sem representação galerística, numa prática que reforça a arte como território de encontro, reflexão e partilha. O seu compromisso com a promoção de práticas artísticas de relevância internacional, frequentemente sub-representadas no contexto português, mantém-se como um eixo central da sua ação, afirmando a galeria como plataforma de mediação e diálogo entre culturas, tempos e territórios.

Em paralelo, o programa expositivo da galeria inclui projetos de residências artísticas e exposições colaborativas, concebidos em parceria com associações e instituições culturais, consolidando o papel da Perve Galeria como espaço de inovação, abertura e renovação permanente.

In 2026, Perve Galeria celebrates its 26th anniversary, marking a singular and plural trajectory deeply committed to promoting artistic voices that are often underrepresented, particularly from the Global South and the Lusophone world. Over more than two decades, the gallery has provided visibility and international recognition to artists such as Reinata Sadimba, Ernesto Shikhani, Malangatana Ngwenya, Manuel Figueira, Teresa Roza d'Oliveira, and João Artur da Silva, whose works are now part of major collections and institutions, including Tate Modern, the Centre Georges Pompidou, and the Serralves Foundation, among many others.

Throughout its history, Perve Galeria has explored innovative curatorial and collaborative formats, creating space for projects that bring together institutional collections and works by artists without gallery representation. This approach reinforces art as a territory of encounter, reflection, and exchange. Its commitment to promoting internationally relevant artistic practices—often underrepresented within the Portuguese context—remains central to its mission, establishing the gallery as a platform for mediation and dialogue across cultures, temporalities, and territories.

In parallel, the gallery's exhibition programme includes artistic residencies and collaborative exhibitions developed in partnership with cultural associations and institutions. In doing so, Perve Galeria consolidates its role as a space of innovation, openness, and continuous renewal.



Perve Galeria



Casa da Liberdade - Mário Cesariny



27 Art



Artur Bual (1926-1999, Portugal) Paris, 1955
Tinta da china s/ papel
17 x 22 cm

Artur Bual (1926-1999, Portugal) Paris, 1955
Indian ink on paper
17 x 22 cm

Ref.: AB286

Ficha Técnica | Credits

Curador | Curator
Carlos Cabral Nunes

Diretor Artístico | Artistic Director
Carlos Cabral Nunes

Gestão Executiva | Management
Nuno Espinho da Silva

Produção | Production
Nuno Espinho da Silva,
Ana Rita Rodrigues, Inês Rego,
Madalena d'Almeida & Valentina Ruas

Comunicação | Communication
Inês Rego, Ana Rita Rodrigues

Design Gráfico | Graphic Design
CCN & Ana Rita Rodrigues

Organização | Organized by
Colectivo Multimédia Perve

Fotografias de Arquivo - Direitos Reservados
Archive photos - Rights Reserved
Stock Photos - All rights reserved

Impressão | Print and Copyright
Perve Global, Lda

Perve Galeria

Casa da Liberdade - Mário Cesariny

galeria@pervegaleria.eu

Rua das Escolas Gerais n.º 13, 17, 19 - Alfama
1100-218 Lisboa | Portugal

3ª a Sábado das 14h às 20h
Tuesday to Saturday 2pm to 8pm

Tel/Phone: (351) 218822607 | Tel/Mobile: 912521450

www.pervegaleria.eu

Ref: CT_179

2026 | Edição © ® Perve Global - Lda. Proibida a reprodução total ou parcial deste catálogo sem autorização expressa do editor.

2026 | Edition © ® Perve Global - Ltd. Total ou partial reproduction of this catalogue is prohibited without express authorization from the publisher.



Com o apoio de | With the support of:

